

# Projetar a vida na pandemia: desafios da comunidade escolar em tempos de exceção

*Designing life in the pandemic: challenges for the school community in exceptional times*

<sup>1</sup> Talytha Cardozo Angelo 

<sup>2</sup> Rafael Magalhães Costa

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante. Graduada em História pelo Centro Universitário São Camilo-ES. Centro Universitário São Camilo. 

<sup>2</sup> Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Especialista em Novas Tecnologias Educacionais pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá, e História Política pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduado em História pelo Centro Universitário São Camilo-ES. Centro Universitário São Camilo. 

## RESUMO

O presente artigo busca compreender de qual maneira o Programa Escola Viva gasta o tempo dos discentes na formação para o mundo do trabalho, principalmente os indivíduos cursando o Ensino Médio, considerando a faixa etária da Geração Z, com suas características particulares, no que diz respeito à tecnologia e perspectivas de carreira; continuamente, a postura do Governo Estadual do Espírito Santo diante da Pandemia do COVID-19 na Educação, em razão do distanciamento social que ocasionou a suspensão das aulas presenciais no período inicial. O estudo utilizou aporte teórico no texto constitucional, em documentos normativos nacionais e estaduais expressos em portarias, decretos e resoluções, além da análise da disciplina "Projeto de Vida", assim como os autores Foucault (2019), Thompson (1998) e Byung-Chul Han (2017), entre outros. Metodologicamente, optou-se pela pesquisa explicativa, através da abordagem qualitativa e natureza básica, contando com o procedimento de pesquisa bibliográfica no que comunga o levantamento dessas fontes. Por fim, como resultados, é possível contemplar a juventude como um grupo ausente de experiência, de modo que a passagem da escola para o mundo do trabalho, na Escola Viva, é amparada nos pilares construídos junto ao Projeto de Vida pela diáde da identidade pessoal e percepção do mundo ao redor. Esse elemento permite mais do que ocupar o tempo do estudante no Turno Único da instituição de ensino, mas gastá-lo com garantia de retorno da autonomia incentivada no currículo.

## Palavras-chave:

Mundo do trabalho. Pandemia. Geração Z. Escola Viva. Projeto de Vida.

## ABSTRACT

*The presente article seeks to understand how Escola Viva Program spends students' time in training for the world of work, especially the private high school, considering the Generation Z range, with its characteristics with regard to Technology age and career prospects, continuously, the stance of Espírito Santo State Government in the COVID-19 Pandemic in Education, due to the social distance that caused the suspension of face-to-face classes in the period. The study used theoretical support in the constitutional text, in national and state normative documents expressed in ordinances, decrees and resolutions, in addition to the analysis of the discipline "Life Project", as well as the authors Foucault (2019), Thompson (1998) and Byung-Chul Han (2017), among others. Methodologically, it was chosen explanatory research, through a qualitative approach and basic nature, relying on the procedure of bibliographic research in which the survey of these sources shares. Finally, as a result, it is possible to contemplate youth as a group lacking experience, so that the transition from school to the world of work, at Escola Viva, is supported by the pillars built with the Life Project by the dyad of personal identity and perception of the world around. This element allows more than occupying the student's time in the Single Shift of the educational institution, but spending it with a guarantee of the return of the autonomy encouraged in the curriculum.*

## Keywords:

World of work. Pandemic. Generation Z. Living School. Life Project.

## Como você deve citar?

ANGELO, Talytha Cardozo; COSTA, Rafael Magalhães. Projetar a vida na pandemia: desafios da comunidade escolar em tempos de exceção. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda (RJ), v. 17, n. 49, p. 111-121, ago., 2022.

## 1 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988, como esclarece o Artigo nº 205, determina que a Educação é dever do Estado e dos núcleos sociais e, para efetivação desse exercício de desenvolvimento, apoia-se no “[...] preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Portanto, a educação pode ser entendida como um direito composto por finalidades.

Por conseguinte, o propósito legal de “educar” como algo obrigatório é apresentado no inciso I, do art. nº 208, para adiante da faixa etária dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos, “assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988). Logo, é nesse ponto que se encontra o dever do Estado, no que empreende a educação: disponibilidade e incentivo imperioso.

Ademais, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394/96, versa a existência do elo entre o mundo do trabalho, prática social e a educação, de modo que a Educação Escolar deve vincular-se a estes (BRASIL, 1996).

Ainda no corpo textual da LDB (BRASIL, 1996), ao analisar o que compõe a organização da Educação básica, são visualizados: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nesse sentido, distribuindo maior atenção aos discentes que cursam o Ensino Médio, é notório um currículo pensado para aproveitamento integral da formação para os anos seguintes do que foi estabelecido como “obrigatório”.

Evidenciando a preparação para o trabalho, o Programa Escola Viva do Governo Estadual do Espírito Santo, instituído em 2015 pela Lei Complementar 799, segundo documento normativo próprio, organiza o tempo escolar direcionado à formação fundamentada nas perspectivas cidadã e profissional. Para tanto, o componente curricular “Projeto de Vida” – a partir da autonomia do estudante – atenta-se por elaborar metas no 1º e 2º ano do Ensino Médio, para, no 3º ano, colocá-las em prática, mas isso demanda tempo (SEDU, 2014, p. 9).

Portanto, no que tange ao entendimento de tempo, Michel Foucault (2019, p. 22) afirma que “[...] a disciplina é um controle do tempo”, pois têm-se a sujeição do próprio corpo do indivíduo para servir a estrutura social produtiva. O autor versa a respeito dos mecanismos disciplinares como algo comportamental, estudado por ele em diversos ambientes, como: hospital, presídio e escola. Logo, “tempo” é algo a ser investido, e na sociedade capitalista, ele também significa “dinheiro”, já que depois da indústria “[...] ninguém passa o tempo, e sim o gasta” (THOMPSON, 1998, p. 272).

Todavia, ler a sociedade atual com os olhos de uma sociedade pré-industrial é errôneo. Sendo assim, Byung-Chul Han (2017) lança sua interpretação no desdobramento de uma sociedade de desempenho, herança do poder disciplinar de Foucault, “que mudou o registro da exploração estranha para a exploração própria” (2017, p. 105), fortalecendo competições contra si mesmo e a favor do modo de produção capitalista operante.

Na contemporaneidade, os jovens que vivenciam a necessidade de gastar seu tempo na escola compõem a Geração Z, composta por indivíduos que têm contato com a tecnologia desde o nascimento. Diante disso, devido à afinidade com essa ferramenta facilitadora de tarefas, alguns deles – ao levar em consideração o acesso a recursos – estão habituados com a rapidez no retorno de pesquisas, meios de entretenimento e conexões com diversas pessoas.

Com o advento da Pandemia do Covid-19, os sistemas de ensino tiveram que se adaptar à realidade de isolamento social, no sentido de criar uma metodologia que garantisse a continuidade dos estudos regulares. O Conselho Estadual de Educação - ES, por meio da resolução nº 5.447, trouxe a suspensão das aulas presenciais, em 20 de março de 2020, como reflexo da Portaria nº 343, de 17 de março, transformando os

aparelhos que eram destinados apenas para comunicação e divertimento, em objeto de estudo e trabalho. A organicidade para com a educação, entretanto, ilustra a ação formativa dos novos atores sociais e do novo plano de fundo que se passa na Escola Viva simultaneamente à pandemia.

A partir dessas discussões o presente artigo aborda a forma pela qual o Projeto Escola Viva gasta o tempo no processo de formação estudantil direcionada ao mundo do trabalho, em especial, ao analisar a disciplina “Projeto de Vida”. Nesse sentido, discute o uso de tecnologias virtuais como mecanismo de concretização das aulas juntos aos estudantes do Ensino Médio, devido ao contexto da pandemia mundial pelo Covid-19. Explora aportes conceituais que assentam trabalho, escola e currículo, a partir de uma pesquisa básica dos documentos norteadores que incidiram sobre a “Escola Viva” no contexto pandêmico, bem como normativas oficiais. Finaliza com apontamentos que aguçam a reflexão de procedimentos a serem utilizados nos processos formativos em períodos excepcionais.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Diante do exposto, o presente estudo caminha através da interpretação dos laços compartilhados entre o trabalho e a educação, de maneira que os desdobramentos resultantes dessa relação ocorrem no ambiente social. Todavia, a pandemia de Covid-19 modificou substancialmente o mundo que se conhecia anteriormente, haja vista as medidas profiláticas de distanciamento social e os impactos delas no cotidiano, que incidiram, numa geração de jovens contemporâneos, novidades no processo educacional. Desse modo, para além do texto constituinte, é possível visualizar tanto no currículo, quanto na prática, a manutenção dos direcionamentos para cidadania e estímulos à continuidade dos estudos em razão do trabalho. Destarte, na busca pela compreensão de como esse processo se firma na Escola Viva, as aproximações teóricas fizeram-se indispensáveis ao pensar em como o tempo é verdadeiramente gasto no cerne escolar.

### TÓPICO I: Trabalho, escola e juventude

A priori, ao lançar o olhar para as sociedades pré-industriais do século XVIII, a educação surge como uma extensão do trabalho, de maneira que, se em primeiro momento, existe a demanda de ensino apenas para quem fosse possuidor de condição financeira, com o aumento das fábricas, vislumbrou-se a necessidade de qualificar também os trabalhadores, levando isso em consideração. Edward P. Thompson (1998, p. 292) pontua que a educação se configura em um treinamento para o “hábito do trabalho”, entendimento motivado pela disciplina proposta na instituição escolar, bem como o cumprimento de tarefas e horários do ambiente.

Com o passar do tempo, o direcionamento ao trabalho, que antes era benefício de um seletivo grupo social, passa a ser uma política pública de Estado, haja vista a Constituição Federal do Brasil (1988), ao esclarecer, no Artigo nº 205, a face de “colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Dessa forma, o exercício cidadão vincula-se fundamentalmente às atividades produtivas.

Sabendo disso, o que se compreende como “trabalho” não caminha tão distante, uma vez que “enquanto os outros animais apenas recolhem o que encontram na natureza, o homem, ao produzir as condições da sua sobrevivência, a transforma” (MARX; ENGELS, 2007, p. 14). Essa capacidade que aflorou no ser humano não apenas diferencia-o dos animais, como também altera o meio em que vive, em função de suas necessidades de viver em comunidade.

A partir do entendimento da sociedade como organismo vivo e passivo de constantes modificações temporais, suas instituições – em destaque, a escola – transformou-se no ambiente onde o preparo para

cidadania e trabalho devem ocorrer. Como direito constitucional desse cidadão em formação, a opção pela carreira a seguir é individualizada no jovem, logo, aluno do colégio.

Para alcançar o estágio de decisão acerca de uma profissão, a juventude enfrenta desafios, que, para as pesquisadoras Catherine Hartley e Leah Somerville (2015), podem ser facilitados pelo acúmulo de experiências de vida. Assim, o ambiente escolar consubstanciaria um espaço de estudo dos processos produtivos da comunidade, para gabaritar as opções individuais juvenis.

Outrossim, a pertinência de um currículo voltado para o protagonismo do discente apresenta uma via para reflexão. Isto posto, essa noção de destinar mais horas no espaço escolar nasce do Programa Mais Tempo na Escola (PMTE), elemento que relembra o poder disciplinar, pois confere que

uma escola de tempo integral implica considerar a questão do variável tempo — a ampliação da jornada escolar — e a variável espaço — colocada aqui como o próprio espaço da escola, como o continente dessa extensão de tempo. Variáveis essas que estão longe de se constituírem neutras. Os lugares e os tempos são determinados e determinam uns ou outros modos de ensino e de aprendizagem. Em suma, o espaço e o tempo escolares não só conformam o clima e a cultura das instituições educativas, mas também educam. (SEDU, 2014, p. 15)

Respalhada pela Lei das Diretrizes e Bases (LDB), Resolução CNE/CEB nº 2/2012 e a Resolução CEE/ES nº 3.777/2014, a Escola Viva, para além das áreas de conhecimento instituídas pela BNCC, contempla sua parte diversificada, como: Projeto de vida e componentes integradores, totalizando 45 aulas semanais. Nessa perspectiva, as metas desenvolvidas no 1º e 2º ano do Ensino Médio são representadas por meio do reconhecimento de uma identidade própria, para então da realidade, com o Projeto de Vida, como idealizado no Plano Nacional da Educação (2014). Direciona-se para reflexões sensíveis a: Formação acadêmica; Formação para a vida; Formação para o desenvolvimento das competências do Século XXI, com o “[...] trabalho como princípio educativo” (SEDU, 2014, p. 19), no horizonte.

A Escola Viva nasce em meio à ideia de uma educação para a vida, com o currículo focado “em aprendizagens que garantam ao cidadão, ao sair da escola, o preparo para continuar os estudos e evoluir enquanto pessoa e profissional” (SEDU, 2014, p. 09), através da construção do Projeto de Vida. No último ano do Ensino Médio, o aluno fica sob a responsabilidade de cumprir suas metas traçadas nos anos anteriores.

Não obstante, a próxima parcela dos jovens que irão vivenciar o mundo do trabalho é composta pela geração Z, hodiernamente alguns deles estão cursando o Ensino Médio, e como declara Carolina Vita e Rachel Montenegro (2013, p. 1) é “conhecida principalmente pelo gosto e uso da tecnologia, caracterizada por ser um grupo de consumidores ativos”.

Gustavo Medeiros Oliveira (2010) defende que a geração Z é diferente das demais. Ele o faz a partir da caracterização desses indivíduos, pelo uso da tecnologia e facilidade ao integrá-la nas tarefas cotidianas, de maneira que “[...] é uma geração acelerada que tem uma aptidão para exercer multifunções” (OLIVEIRA, 2010, p. 22).

Assim sendo, espera-se na escola o local de confluência de todas as estratégias de materialização desse saber, especialmente, no ambiente da sala de aula e com encontros presenciais, chanceladas por professores, demais profissionais pedagógicos e acompanhamento familiar. A pandemia do Covid-19 muda esse cenário.

## **TÓPICO II: Pandemia, currículo e TICs**

Na contemporaneidade, a pandemia do Covid-19 é responsável por redefinir além de medidas sanitárias para fins profiláticos, novas formas de aprender e ensinar, uma vez que a escola regular teve que adotar as

medidas instituídas por portarias e decretos em decorrência da transmissão do vírus pelas aglomerações. Isso é “[...] o ensino remoto transferiu o que já se fazia na sala de aula presencial e, em muitos casos, aflorou uma perspectiva de educação instrucionista, conteudista” (SOUZA, 2020, p. 4), dado a emergência.

Considerando os atos normativos, a Resolução CEE-ES nº 5.447/2020 dispõe no Artigo 1º, a suspensão das aulas presenciais no Estado do Espírito Santo. Interessante pontuar que, inicialmente, havia sido estabelecido um recorte de 30 (trinta) dias apenas, mas com o agravamento no número de casos notificados, ocorreram outras mudanças no prazo.

Em seguida, a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, do órgão do Ministério da Educação (MEC), promoveu no território nacional essa suspensão, o fez, a partir da Constituição, da LDB, e do Decreto nº 9.235/2017, a transição das aulas presenciais para o *on-line* em caráter excepcional. Como se espera, analisar a pandemia em decretos ilustra as alternativas implementadas, ao passo que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) se tornam indispensáveis, sem deixar de considerar, é claro, as condições específicas de cada recorte social envolvido, e plano traçado pelas instituições de ensino. Vale salientar sua face como recurso ainda composto de inúmeras novidades.

No cenário pandêmico, uma portaria que versa sobre educação a distância para um ato cotidiano no ensino, oportuniza, como posto pela estudiosa Nara Caetano Rodrigues (2009, p. 5), a descentralização do saber, principalmente pelo fato de o ambiente de socialização passar ser virtual e não mais a tradicional sala de aula física, no prédio da escola. Daí nascem desafios importantes para a instituição escolar, mediante a novidade de operação dos encontros juntos aos estudantes, mas também para essa juventude da Geração Z, familiarizada com as TICs num cenário de atividades majoritariamente ligadas ao lazer.

A Escola Viva, à vista disso, abarca a identidade pessoal e conhecimento da realidade no seu currículo, especialmente na disciplina Projeto de Vida, que promove protagonismo, práticas e vivências a partir de disciplinas eletivas, bem como acolhimento pelo estudo orientado, tutoria e educação científica. Basta ver que

[...] essas horas, não apenas as suplementares, mas todo o período escolar, são uma oportunidade em que os conteúdos propostos, possam ser ressignificados, revestidos de caráter exploratório, vivencial e protagonizados por todos os envolvidos na relação de ensino-aprendizagem. (SEDU, 2014, p. 16)

O currículo da Escola Viva pensa nisso junto à comunidade, pois esse processo educacional é em formato de Turno Único. Um dos objetivos específicos apontado Projeto Pedagógico (2014, p. 4) é a ampliação do “tempo de permanência dos estudantes na escola”, de maneira que o gasta doravante às dimensões curriculares. Isso é efetivado durante a jornada escolar pelo aproveitamento das horas na escola:

O resultado desse arranjo é capaz de responder não só aos padrões de qualidade desejados para a educação pública, mas também às exigências de uma formação voltada para o mundo contemporâneo, cada vez mais complexo e dinâmico. (SEDU, 2014, p. 14)

A Educação, segundo a Lei das Diretrizes e Bases (1996), deve prover “os meios de progredir no trabalho e em estudos posteriores”, preocupando-se não apenas com a formação, e sim com a finalidade desta para as práticas possíveis no meio social, que é multidimensional. A Escola Viva, nesse sentido, além dos fatores sociais e emocionais, cria “espaços para que vozes sejam ouvidas” (BARBOSA, 2004, p. 102), como idealizado em sua estrutura não apenas preparatória, mas também transformadora, ao alinhar interesses, em analogia a Freire (2002, p. 76), citado por Barbosa (2004), possibilita a intervenção na sociedade e sua recriação, tudo a partir da capacidade de aprender e, futuramente entregar um retorno por meio do trabalho.

O movimento de interação da escola com a comunidade mediante debates que promovam o protagonismo juvenil, principalmente para gabaritar suas escolhas profissionais futuras, é fundamental na Escola Viva, em especial, na disciplina Projeto de Vida. Nesse entendimento, as atividades virtuais vivenciadas pela

juventude (como já citado), destinadas aos momentos de ócio, de divertimento pessoal, não individualizam as escolhas. O jovem não tem, de fato, protagonismo na *web*.

Sobretudo, no recorte “[...] ninguém passa o tempo, e sim o gasta” (THOMPSON, 1998, p. 272), ilustra os significantes do uso do tempo no molde capitalista, já que todas as ações passam a responder a uma “função”, em busca de um objetivo ou da realização de uma tarefa, estágio em que até mesmo a diversão é voltada para esse fim, como pontua Theodor W. Adorno (2002):

a diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada pelos que querem se subtrair aos processos de trabalho mecanizado, para que estejam de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização adquiriu tanto poder sobre o homem em seu tempo de lazer e sobre sua felicidade, determinada integralmente pela fabricação dos produtos de divertimento, que ele apenas pode captar as cópias e as reproduções do próprio processo de trabalho. (ADORNO, 2002, p. 19)

Quando se opera que o tempo é gasto, a referência é posta também sob os holofotes de mais um processo da indústria. Ao caracterizar-se como “divertimento”, engloba o sujeito que tenta fugir da rotina envolta pelo ofício, no entanto, o mesmo mecanismo que lhe sufoca com a demanda, igualmente empurra-o para passatempos em que o prazer é prescrito em um padrão, ou seja, sem o esforço, tornando-se apenas um espectador. Por conseguinte, o uso econômico do tempo surge com as sociedades pré-industriais e a difusão do relógio, estágio em que o “tempo natural” fica para retaguarda. Nesse momento, inauguram-se questões em que tudo além do ofício e da escola era compreendido como indolência, logo a educação já exigia a disciplina e pontualidade que, na vida fabril, era vinculada ao incentivo salarial.

Como supracitado, essa percepção não se limita ao século XVIII, pois ganha novos contornos com o passar dos séculos, e soma as particularidades de cada sociedade. Sendo assim, hodiernamente, vive-se o futuro automatizado que orbitava o imaginário, porém “se o racionalismo moderno é semelhante ao mecanismo de um relógio, deve existir alguém para lhe dar a corda” (THOMPSON, 1998, p. 303), que é depositado no sistema econômico.

Michel Foucault (2019, p. 182) postula que “a disciplina implica um registro contínuo [...] é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado indivíduos em suas singularidades”. Já o filósofo Byung-Chul Han, em seus estudos mais atuais, delimita outro paradigma da pós-modernidade, no sentido que “a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho” (HAN, 2017, p. 23).

Byung Chul-Han parte do princípio que “a sociedade disciplinar industrial depende de uma identidade firme e imutável, enquanto que a sociedade do desempenho não industrial necessita de uma pessoa flexível, para poder aumentar a produção” (HAN, 2017, p. 97), ou seja, com as mudanças nas relações sociais ocasionadas pelo capitalismo, a constante da auto-exploração compete na superação.

Dessa vez, o indivíduo tenta ultrapassar ele mesmo, numa sociedade de desempenho, cuja finalidade produtiva aumenta na medida que o sujeito se perde. Vê-se que “o sistema capitalista mudou o registro da exploração estranha para a exploração própria, a fim de acelerar o processo” (HAN, 2017, p. 105). Como resultado, a frequência de patologias e suicídio cresce, porque ele está contra si próprio, e em favor da produção. Todavia, Michel Foucault estabelece que:

a disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. A disciplina exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento. (FOUCAULT, 2019, p. 181)

Logo, em tempos excepcionais, devido a pandemia do Covid-19, a Escola Viva utilizou do ambiente virtual como espaço para continuidade dos estudos no Ensino Médio, em especial, a disciplina Projeto de

Vida. Esta, por sua vez, mediante a tutela de seus professores, teve o desafio de disciplinar – de fato – os estudantes aos estudos direcionados ao trabalho, algo novo devido ao contexto contemporâneo: um ambiente de lazer deveria configurar-se num local de estudos, porém, devido à produção de conteúdo de entretenimento estarem organicamente ligados com o modo de produção capitalista, não são livres para as escolhas do indivíduo, mas direcionados economicamente aos interesses do capital. Assim sendo, o entendimento de como as atividades ligadas ao Projeto de Vida gastou o tempo nesse novo espaço pedagógico são de interesse social perante as discussões teóricas até aqui apresentadas.

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa enquadra-se na abordagem qualitativa por fazer-se na análise de menções não estatísticas, já que visa ilustrar o contorno social de discentes sob uma estrutura escolar e econômica, ao passo que sua natureza é básica, porque amplia o que se entende do Ensino Médio em meio à pandemia do COVID-19, mas isso também a caracteriza como inovadora, por razão dessa linha de estudos ser recente.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é classificada como explicativa, pois busca entender a realidade por meio dos desdobramentos do currículo da Escola Viva em paralelo ao gasto do tempo dos estudantes, e analisa o fenômeno do trabalho. Para alcançar essas diretrizes, optou-se pela leitura e interpretação de documentos normativos, tanto aqueles que correspondem à educação, quanto portarias a respeito da saúde pública. Portanto, enquadra-se o procedimento de pesquisa bibliográfica no que comunga o levantamento dessas fontes.

O olhar cuidadoso sobre esses documentos encontrados nos domínios digitais por questão norteadora de definir o cenário, somaram-se a quatro (4) artigos científicos, cinco (5) livros, uma (1) dissertação e um (1) trabalho de conclusão de curso encontrados a partir das palavras-chaves: Trabalho; Ensino Médio; Currículo; Tempo; Juventude; Escolha profissional; Pandemia do Covid-19; Disciplina.

Para tanto, usou-se da ferramenta Google Acadêmico para coletar tais fontes, além da síntese de teorias presentes nelas, o que também atribui ao procedimento documental, pois foram analisados: um (1) decreto, uma (1) portaria, três (3) resoluções e três (3) leis específicas, não excluindo, portanto, o uso da Constituição Federal de 1988 e do Projeto Pedagógico definido pela Secretaria da Educação/ SETEC. Esses documentos foram selecionados por proximidade com o tema, que versavam sobre o cenário estudado. Logo, vale salientar que, ao longo da trajetória, algumas alterações foram necessárias como o próprio meio de geração de dados, que anteriormente seria por questionário com alunos da Escola Viva, mas devido a infortúnios dialogados à frente convocou-se a adaptação para a teoria.

A razão de se escolher um recorte temporal tão próximo advém da reflexão sobre os mecanismos que operam o gasto do tempo por dentro dos muros da Escola Viva, e a decisão de ser esse formato de escola é por sua finalidade para com o mundo do trabalho através de um currículo amplo que contempla um projeto direcionado especialmente para isso com o uso de metas. Já a inspiração se para chegar à temática é decorrente dos debates historiográficos a respeito do tempo na sociedade pré-industrial, enriquecidas de aproximações com aportes conceituais concernentes ao trabalho e à escola.

### **4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÕES**

Inicialmente, fez-se a análise social por intermédio de autores como Theodor W. Adorno (2002), para pontuar os desdobramentos da indústria cultural como meio de divertimento e esvaziamento de criticidade.

de; Michel Foucault, em sua obra “Microfísica do poder” (2019), na intenção de desenhar as margens da disciplina na escola e no comportamento dos sujeitos.

Ao lado que, anterior a isso, o escritor Edward P. Thompson (1998), como norteador da discussão sobre a sociedade ainda em seu estágio pré-industrial e a relação tempo-dinheiro. Em seguida, Byung Chul-Han (2016) trouxe o debate iniciado em Foucault sobre disciplina para próximo do recorte de uma sociedade contemporânea, atribuindo o adjetivo de desempenho. Posteriormente, as autoras Catherine Hartley e Leah H. Somerville (2015), ao apresentarem a neurociência, como justificativa da tomada de decisões dos adolescentes e a necessidade de campos de experiência, ligando-se novamente a Escola Viva que cria espaços para esse protagonismo; bem como Carolina Vita e Rachel Montenegro (2013) no caminho por sistematizar as características da geração Z em paralelo ao uso de aparelhos eletrônicos, essencial na construção do cenário que o jovem analisado enfrenta em suas redefinições de objetivo e carreira. Por fim, Karl Marx está presente em todo percurso estudado, especificamente na obra “A ideologia alemã” (2007) com Engels, também no arcabouço teórico de outros autores consultados. A contribuição desse autor destina-se na afirmação do homem como personagem de uma transformação, a partir de seu entendimento para com o trabalho e a natureza.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Notadamente, a Escola Viva gasta o tempo do discente de Ensino Médio na formação para o mundo do trabalho a partir da forma como organiza o seguimento das aulas, pois não é apenas manter o estudante na escola em face integral, recebendo conteúdos na mesma medida, é um currículo que atribui qualidade ao ensino, de maneira que outras estruturas dentro do programa, como a própria tutoria e avaliação diagnóstica, conferem os resultados e amparam, caso haja discrepâncias. Para tal, o protagonismo é constantemente incentivado por meio da vivência dentro dos muros da escola, por meio de disciplinas eletivas.

Como apontado ao longo da pesquisa, a explicação para esse momento de transição da escola para o mundo do trabalho sofre com a ausência de experiências da juventude, pois é a partir das tentativas que ocorre o desenvolvimento de criticidade na tomada de decisão, ao passo que o futuro profissional do aluno que produz o Projeto de Vida é apoiado em estágios de reflexão sobre a própria identidade e o mundo que o cerca.

O dinamismo proposto pela Escola Viva já havia sido discutido em outros segmentos, como o Programa Mais Tempo na Escola (PMTE), ou para fora do Espírito Santo, com os Centros Integrados da Educação Pública (CIEPs), no Rio de Janeiro. A diferença é que o projeto estudado reconhece as fragilidades no Ensino Médio, em menção à SEDU (2014, p. 9) “[...] não tem feito sentido na vida dos jovens”, sendo assim: por que então a Escola Viva funciona?

Mediante os estudos realizados, o diferencial concentra-se por razão de sistematizar a autonomia dos jovens com a oferta do Projeto de Vida, que, por sua vez, provoca a encarar a realidade, somente depois de compreender onde está inserido e quem ele verdadeiramente é, que o adolescente se forma como cidadão. Além disso, outro objetivo a ser alcançado é o ingresso no mundo do trabalho, pois é a partir do incentivo da continuidade dos estudos e/ou qualificação técnica que o sujeito traça metas iniciais no Programa: “Onde quero chegar?”, o que o objetivo específico quanto às expectativas da escolha profissional buscou no ensino da transição.

Portanto, a responsabilidade atribuída à escola como formadora de novos trabalhadores é respondida ao encarar os desafios da sociedade contemporânea, na constante busca de alternativas aos discentes de inserir-se na prática. O Programa Escola Viva, com destaque a disciplina Projeto de Vida, possui coerência teórico-metodológica com a LDB 9394/96, mas o caráter excepcional pandêmico e a necessidade de uti-

lização das TICs num ambiente no qual o jovem da Geração Z está acostumado ao lazer, são objetos de novas investigações.

Em suma, existe a animação para continuidade da presente pesquisa, de modo que a ampliação, por meio de gráficos gerados através da resposta de estudantes que estejam cursando o Ensino Médio na Escola Viva, servirá, futuramente, para sustentar ou destruir algumas afirmações avistadas pela trajetória.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BARBOSA, M. S. S. **O papel da escola: Obstáculos e desafios para uma educação transformadora**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 234, 2004.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 24 set. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017**. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das IES e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação lato sensu, nas modalidades presencial e a distância, no sistema federal de ensino. Brasília: Diário Oficial da União nº 241.

BRASIL. **Lei Complementar nº 799, de 12 de junho 2015**. Cria o Programa de Escolas Estaduais de Ensino Médio em Turno Único, denominado "Escola Viva", no âmbito do Estado, e dá outras providências. Vitória, 2015. Disponível em: <<http://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/lec7992015.html>>. Acesso em: 07 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, Distrito Federal: Presidência da República, Casa Civil.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília: Diário Oficial da União.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

ESPÍRITO SANTO. **Resolução CEE/ES nº 3.777, de 31 de dezembro de 2014**. Fixa normas para a Educação no Sistema de Ensino do Estado do Espírito Santo, e dá outras providências. Vitória: Conselho Estadual de Educação (CEE). 31 dez. 2014.

ESPÍRITO SANTO. **Resolução nº 5.447/2020**. Dispõe sobre o regime emergencial de aulas não presenciais no Sistema de Ensino do Estado do Espírito Santo, como medida preventiva à disseminação do COVID-19, e dá outras providências. Vitória: Conselho Estadual de Educação (CEE), 20 mar. 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HAN, B. -C. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARTLEY, Catherine; SOMERVILLE, Leah H. The neuroscience of adolescent decision-making. **Current opinion in behavioral sciences**, v. 5, p. 108-115, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

OLIVEIRA, G. M. **Geração Z**: Uma nova forma de sociedade. Orientadora: Professora Msc. Andrea Becker Narvaes. 2010, 92 p. Trabalho de Conclusão de curso (TCC) em Sociologia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

RODRIGUES, Nara Caetano. Tecnologias de Informação e Comunicação na educação: um desafio na prática docente. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 1-22, jan-jun, 2009.

Secretaria da Educação/ SETEC. **Projeto Pedagógico Programa Escola Viva**. Governo do Estado do Espírito Santo: SEDU, 2014. BRASIL. Disponível em: <<https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20-%20PROGRAMA%20ESCOLA%20VIVA-.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2021.

SOUZA, E. P. de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 17, n. 30, p. 110-118, 2020.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, cap. 6, p. 267-304.

VITA, Carolina; MONTENEGRO, Rachel. A cultura do ter: na perspectiva da Geração Z. II **CONINTER - Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**. Belo Horizonte, out. 2013. Disponível em: <[http://www.rondinha.rs.leg.br/restrito/upload/parecerjuridico/35\\_88.pdf](http://www.rondinha.rs.leg.br/restrito/upload/parecerjuridico/35_88.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2021.